

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, EDUCAÇÃO POPULAR E ANTI/CONTRA/DECOLONIALIDADE: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA PERSPECTIVA CURRICULAR EMANCIPADORA

Noélia Rodrigues Pereira Rego- CEPL
noeliarpr@gmail.com

Humberto Salustriano da Silva - NEPS-CEASM
humbertosalustriano@gmail.com

Francisco Overlande Manço de Souza - NEPS-CEASM
franciscooverlande@gmail.com

INTRODUÇÃO

Historicamente a educação do trabalhador, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sido pauta de diversos movimentos sociais que lutam em prol de políticas públicas e que entendem a modalidade não como um reparo da sociedade apenas, mas como um direito a ser conquistado e financiado na sua integralidade. Entender esta seara da educação de forma diferenciada, desde o currículo à prática, é atentar para que este sujeito que ali está, em uma fase mais madura de sua vida, precisa se entender e ser entendido enquanto detentor de direitos, de forma a apropriar-se deles. É preciso ainda que ele encontre neste novo cenário ambientes de acolhimento subjetivos para que se sinta pertencente àquele espaço, que outrora, por diversos motivos negou e/ou lhe foi negado. Dentro destes processos históricos em defesa da Educação de Adultos, passando a Educação de Jovens e Adultos, conforme a concebemos hoje, está a Educação Popular, a EP, que segue sendo uma bandeira de luta de coletivos e movimentos sociais e aos poucos tem entrado pelos canais das políticas públicas.

Para começo de conversa, é importante salientar quem são os sujeitos que compõem a EJA e sua caracterização enquanto uma modalidade de educação. Sua expressão de classe, de raça e de CEP, por exemplo, são bem peculiares e não dá para tratá-las de forma secundárias e/ou irrelevantes. Assim, reconhecer e optar por uma pedagogia do trabalho, por exemplo, é perceber suas condições cotidianas de inserção no mundo como possibilidade de produção, sim, de conhecimento, produção de identidade e construção de saberes que estão para além dos filosóficos e científicos, literários e tecnológicos, mas que, não se opondo a eles, se descortinam em torno de suas trajetórias enquanto trabalhador, enquanto estudante, enquanto *ser* no mundo

e *com* o mundo. Tratar a temática da diversidade de gênero e orientação sexual também é um assunto altamente relevante no currículo desta modalidade e em conjunto com a temática de raça e etnia, branquitude e colonialidade podem trazer ao debate construções enriquecedoras de conhecimentos, sem abandonar em nada os conteúdos programáticos que compõem o currículo formal das escolas, portanto, dos espaços formais de educação.

DESENVOLVIMENTO

Diante disso, o que se coloca enquanto questionamento sobre o currículo nos espaços de educação, sobretudo formais das escolas, durante o processo de construção de conhecimento e se desvela são “as práticas pedagógicas usadas em sala de aula, as parcialidades impostas por pontos de vistas essencialistas, que não levam em consideração as construções históricas ao lado de perspectivas que insistem que a experiência não tem vez nesses espaços” (OLIVEIRA, 2014, p. 1002). Assim, o que se pretende aqui é não só questionar este currículo, mas apontar saídas que trabalhem com questões de invisibilidade, desqualificação e toda a sorte de preconceitos. Trazemos ao debate, portanto, a pedagogia crítica e radical da Educação Popular, aliada a pedagogia Contra/Anti/Decolonial.

Pensar outra forma de currículo, nessa perspectiva, consiste em torná-lo envolvente entendendo essas temáticas ressaltadas e tantas outras que aparecerão ao longo do trabalho em conjunto, como um princípio educativo por excelência, contribuindo, assim, para a dissolução do currículo compensatório e por vezes esvaziado da educação formal. Por outro lado, é ter na certeza da necessidade deste protagonismo, portanto, da emancipação que estes sujeitos devem ter, aquilo que nos move enquanto educadora/educador no sentido de lucidamente sempre nos fazer as seguintes perguntas: 1) Quem são os sujeitos que estão comigo? 2) Quais são as relações que temos e que queremos construir ou que já construímos? 3) Qual o contexto? 4) O que desejamos juntos? 5) Quais os obstáculos a serem enfrentados?

Partindo justamente dessa perspectiva, é que precisamos entender que a construção do próprio currículo deve estar altamente relacionada a uma construção histórica e social crítica, que desvela questões fundamentais como as de classe, gênero, raça, sexualidade, questionando, por exemplo, políticas que se pretendem implantar ou que já foram amplamente implantadas na sociedade e que sequer são problematizadas, mas compreendidas como verdades únicas e universais. Para tanto, exatamente para quem pretende trabalhar por meio da vertente de um currículo pedagógico crítico, como aquele que se propõe na Educação Popular, é importante ter

“o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam (...) saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação ao ensino de conteúdos” (FREIRE, 1996, p. 31).

Sobre esta mesma esfera de pensamento, Vera Candau (2011), em seus estudos sobre o cotidiano escolar, argumenta que: “A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal” (p. 241). Assim, dentro do que nos propomos neste trabalho, nosso objetivo também consiste exatamente em contrapor ao modelo de civilização escolar urbanocêntrico (RIBEIRO, 2008), que não vê na escola rural, indígena e quilombola, por exemplo, possibilidades de um aprendizado plural, descolado de uma modernidade eurocentrada. Um ponto-chave desse pensamento crítico e que dialoga bastante com o que nos propomos a discutir, está no conceito pensado por Henry Giroux (1999) que ele denomina de “Pedagogia de Fronteira”. Tal categoria pode ser compreendida como uma perspectiva ousada e insurgente de pedagogia e estendida à perspectiva da Anti/Contra/Decolonialidade, pois rivaliza com uma pedagogia como ferramenta para dominação.

CONCLUSÃO

Portanto, trata-se de apresentar novas esferas de pensamentos e práticas outras, para velhos espaços marcados, muita das vezes, por múltiplas hierarquias e saberes canonizados e unilaterais. Com essa perspectiva, o estudioso das ideias de Paulo Freire, Giroux estaria assim inclinado a (re) construir ou mesmo (re) elaborar uma relação dialética entre teorias e práticas educacionais buscando na ideologia e na cultura elementos para se entender e desmascarar mitos legitimados como verdades únicas. É, em seu entender, na “ação, luta e crítica” que se desenvolve o embrião transformador das estruturas sociais marcadamente desiguais, desvelando-se assim os complexos e contraditórios mecanismos de dominação na sociedade, que se disseminam na educação. Através dessa tríade é que conseguiremos entender e atestar a possibilidade real de mudança por meio de uma “contra-ideologia”, que nasce da *Fronteira*, da prática educacional comprometida com os anseios de uma considerável parte da população, interdita já pelas suas condições econômico-sociais. Uma educação que não está, sobretudo, dentro dos territórios formais de escolarização, mas para além deles, nos espaços informais das

ruas e dos coletivos sociais. Mais do que isso, uma educação que se constrói na perigosa e prazerosa tarefa de questionar uma suposta neutralidade pedagógica e ainda de descobrirmos o quanto os espaços informais e não-formais têm a falar através de uma perspectiva descolonizante que se inclina para uma prática pedagógica que nos abra novos rumos e novas possibilidades e, portanto, numa vertente emancipadora de uma educação Anti/Contra/Decolonial. (WALSH: 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Érika. De mãos dadas com hooks. Rev. Estud. Fem. [online]. 2014, vol.22, n.3, pp. 1001-1003.

CANDAU, Vera M.F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem Fronteiras, 11(2), 2011, p. 240-255. Disponível em:<<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>> Acesso em: 07 de março de 2021.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Edições variadas: São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RIBEIRO, M. Educação Popular: um projeto coletivo dos Movimentos Sociais Populares. Perspectiva (UFSC), v. 26, p. 41-68, 2008.

GIROUX, Henry. Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

WALSH, Catherine. Prefácio e Abertura. In: WALSH, Catherine (Ed.). Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.